



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO IV Quarta-feira, 02 de julho de 2018 N°38



O genial **Orlando Tejo** deixou-nos, e foi para o céu dos poetas encontrar Zé Limeira.

Não bastasse ser o grande jornalista, Orlando era também advogado e escritor. Autor de “*Conceição 63*”, “*Soneto dos Dedos que falam*” e o “*Impasse*”. Porém, a sua obra escatológica, foi mesmo, o “*Zé Limeira: poeta do absurdo*”.

Este livro abriu-lhe muitas portas, consagrando-o como folclorista e poeta popular. Há muito esgotada, conta a sua 11ª edição. A TV Senado fez um documentário sobre o escritor, disponível em: <https://www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=309146>

Faleceu no dia 1º de julho do corrente, anos 83 anos de idade. Eis nossa homenagem.

ZÉ LIMEIRA EM ESPERANÇA

“Apois é, mestre, um dia os filósofo bota eu no livro, por modo já botar o **João Benedito** (...)” (Zé Limeira)

“Lima, limão e limonada/ Na terra da **Esperança**/ Todo cantador é de expressão” (Poesia popular)

Esperança também é terra da poesia e do repente. Muitos cantadores passaram por estas plagas, em suas feiras declamaram versos e venderam seus folhetos. Aqui nasceu **João Benedito**, precursor desta vertente que se chama cordel, Campo Alegre e tantos outros.

Por aqui gozou da amizade com Egídio Gomes de Lima, folhetista patrono da Cadeira nº22 da Alane [Academia de Letras e Artes do Nordeste] e autor do livro-referência “Os Folhetos de Cordel” (Editora Universitária: 1978).

E cantou com Josué da Cruz quando este ainda morava na rua João Mendes,

denunciando um homicídio que recebeu a seguinte sextilha de Limeira:

“*Isso de morrer à toa
Já vem de tempo passado
São José morreu de velho
São João morreu degolado
Jesus morreu numa cruz
Judas morreu enforcado.*”

José Nêumanne reproduz um comentário de Zé Alves Sobrinho que disse ter conhecido o Zé Limeira que deu origem ao mito e que foi hospedado por Heleno Firmino num sítio a poucas léguas de Esperança. E todos sabem da família “Firmino” de José, Sebastião e Patrício que hoje descansam na glória eterna.

Orlando Tejo – o pseudo criador – chegou mesmo a comentar o desgosto de Limeira “por modo já botar o *João Benedito*” num livro. Com efeito, o Viana de Esperança já era bem conhecido, citado por Átila Coutinho em seu magistral “*Dicionário Bio-biográfico de repentistas*”.

A CHEGADA DAS PRIMEIRAS FREIRAS

No dia 29 de julho, pelas 17:15 horas, chegavam de Campina Grande, onde estavam hospedadas, Madre Hermenegilda, Irmã Teresiana e Irmã Batista, com o propósito de dirigir os trabalhos da casa de saúde em construção.

O projeto audacioso do Padre Palmeira contava com o apoio da comunidade, cuja pedra fundamental havia sido lançada um ano atrás, em solenidade prestigiada pelo Governador Pedro Moreno Gondim, Padre Zé Coutinho e demais autoridades.

Por toda a extensão da Rua Paroquial pessoas se aglomeravam aguardando as irmãs de Santo Antônio. A multidão foi calculada em quatro mil pessoas.

A difusora da matriz tocava hinos religiosos, quando a comitiva apontou no início da rua com aclamação de “vivas” que contagiou a todos.

As religiosas estavam acompanhadas de D. Joana (esposa de Cornélio), duas enfermeiras da Cruz Branca e Amarela e um casal de Campina Grande. Manuel Palmeira, vigário paroquial, concedeu as boas vindas expressando

Nossas distâncias

Preocupação antiga era a de se percorrer as distâncias, de um lugar para o outro, limites que se venciam a cavalo, quando Esperança ainda era uma pequena vila.

O trem projetado para o Município foi desviado para outras plagas, dizem que a pedido dos políticos campinenses. Seria uma grande revolução para a cidade, já que era um meio de transporte muito usual no Século XIX, principalmente no transporte de mercadorias.

Em várias entradas haviam lugares para se apear o cavalo. As carroças eram bem poucas, porém transitavam pela cidade, seja com a entrega de

sua gratidão ao Bispo Dom Otávio Aguiar, “porque foi a sua solicitude que nos proporcionou tal aquisição”, aos poderes constituídos, ao casal Dr. Cornélio e Dona Joana, “que tem se revelado ardorosos apóstolos na caridade” e à veneranda Dona Júlia Santiago, que cedeu a casa para residência provisória das freiras, bem assim “à diretoria da Ordem Terceira Franciscana, que com sua dedicação generosa trabalhou intensamente

para execução dos planos do vigário”, ao Sr. José Brandão e D. Celina Coêlho que igualmente se dedicaram àquela causa.

Após a sua fala, discursou o prefeito Arlindo Delgado que, com palavras efusivas, manifestou boa vontade, empenho e propósito de cooperação

para o desenvolvimento da assistência social do município.

Por fim, usou da palavra a Reverenda Madre Superiora, que agradeceu as manifestações de carinho e afeto, externando o desejo de trabalhar pelos pobres, acrescentando que suas atividades se estenderiam à educação das crianças.

Após a recepção, foi servido um jantar na Casa Paroquial para toda a comitiva. O vigário registrou esse acontecimento no Livro de Tombo, com o seguinte comentário: “foi um dia expressivo na história eclesiástica de nossa paróquia”.

água ou mesmo de mercadorias, em geral farinha, feijão e milho. Os primeiros carros chegaram na década de 30.

Os caminhos entre os sítios eram vencidos nos lombos dos animais ou em trajetos a pé que se faziam de um lugar para o outro, sempre chegando na entrada da cidade onde haviam terrenos para se apear burros e cavalos que eram guardados em troca de alguns tostões.

Em depoimento, o Dr. João de Patrício, relata que as crianças vinham do sítio para as escolas, numa época em que não existia transporte escolar, e na inverno, traziam nas bolsas uma muda de roupa, guardavam as sandálias e faziam a troca em casa de parentes e amigos.





EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano IV, Nº 38
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloíse
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



Nossas distâncias [continuação]

O primeiro carro a circular por Esperança – escreve João Tomaz Pereira – foi um “Overland” vindo de Campina Grande. A meninada se ajuntava para ver o “Chofer” com o polo negativo da bateria produzir choques e faíscas. Data dos anos. O certo é que na primeira gestão já existia um carro particular para uso exclusivo do prefeito, mas como a cidade era pequenina, acreditamos que este servia para encurtar as distâncias entre os municípios vizinhos. Nessa mesma administração houve preocupação de se construir estradas, abrir caminhos e consertar passagens.

Em 1952 o Município de Esperança possuía 24.021 habitantes, sendo 11.345 homens e 12.676 mulheres

Passemos ao registro itinerário de Esperança de acordo com o meio de transporte que se dispunha na época nos anos 50.

Entre Esperança e o Distrito de Novo Areial (atual Município de Areial) gastava-se 15 minutos de caminhão, 10 minutos se fosse de automóvel particular e 40 minutos a cavalo. De caminhão, cobrava-se Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros) por passageiro, Cr\$ 40,00 (quarenta cruzeiros) em carro alugado e o aluguel de um cavalo custava Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros) à diária.

Tábuas itinerárias da Parahyba

Os meios usuais de transporte, de acordo com o livro “Tábuas Itinerárias da Paraíba”, produzido pelo Departamento Estadual de Estatística, para o ano de 1952, eram as seguintes:

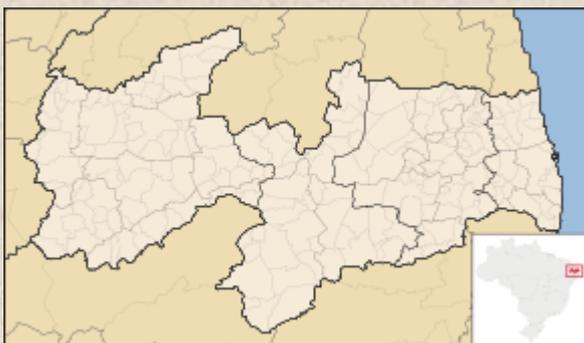
Alagoa Nova:

Distância 19 Km

Caminhão: Cr\$ 5,00 – por passageiro – tempo 30 minutos

Automóvel: Cr\$ 100,00 – carro alugado – tempo 25 minutos

Cavalo: Cr\$ 10,00 – por dia – tempo 1h30 minutos



Areia:

Distância 19 Km

Caminhão: Cr\$ 5,00 – por passageiro – tempo 1 hora

Automóvel: Cr\$ 100,00 – carro alugado – tempo 40 minutos

Ônibus: Cr\$ 10,00 – por passageiro – tempo 40 minutos

Cavalo: Cr\$ 10,00 – por dia – 2h30 min

Campina Grande

Distância 28 Km

Caminhão: Cr\$ 5,00 – por passageiro – tempo 1 hora

Automóvel: Cr\$ 100,00 – carro alugado – tempo 40 minutos

Ônibus: Cr\$ 10,00 – por passageiro – tempo 1 hora

Cavalo: Cr\$ 10,00 – por dia – 2h20 min

FUNDAÇÃO DO IHGA – AREIA/PB

O dia em que se comemora a fundação da cidade de Areia (18/05), no brejo paraibano, também foi uma data muito especial para a historiografia do nosso Estado, com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Areia – IHGA.

Subtitulada “Casa de Francisco Tancredo Torres”, esta casa de memória homenageia um esperancense ilustre, fundador d’O Labor, jornal Areiense, e autor de “Meio século de música em Areia: 1995”, “Areia – Paróquia e Pároco – 40 anos”, “60 anos da ex-Escola de Agronomia do Nordeste”, “Pedro Américo” : 2001 e outros) e prefaciador das obras “O Sesmeiro do Jardim” e “Líricas e outras lembranças”.

Cidadão Areiense (Lei Municipal n. 191/78), era sócio dos institutos Paraibano de Heráldica, Academia de Letras de Campina Grande, Histórico de Campina (Cadeira n. 20), Academia de Letras de Mossoró (correspondente), Sociedade de Cultura Musical da Paraíba (Benemérito) e Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (Cadeira 17).

O IHGA nasceu através das mãos do Professor Doutor Daniel Duarte Pereira, amigo pessoal do Dr. Tancredo há mais de 20 anos, que lhe prestou essa justa homenagem.

Entre as cadeiras ocupadas, destaca-se a do escritor Rau Ferreira, que foi agraciado com o patrono Padre José Antônio Pereira Ibiapina.

Poesia e arte.....

Amiga...

Os gatos têm seus guizos
Os homens, os sorrisos,
O mau o seu pranto!
Prefiro os teus encantos
Sem qualquer sobreaviso
Volvido em acalantos
Do que chamar-te amiga.

A intriga

Lá se vai a intriga
De calafrios enche-me a barriga
De tão cheia minha pança
Vazia da tua alegria.

Rau Ferreira

Formado em Direito, foi magistrado e deputado. A decepção lhe fez abandonar a vida civil para integrar-se à religiosa percorrendo a região Nordeste em missões evangelizadoras. Há quem lhe atribua a denominação de Esperança, segundo as três virtudes teológicas; e quiçá a construção do cemitério no segundo surto de cólera que assolou a região. Os historiadores divergem, mas a passagem de Ibiapina por Esperança e Alagoa Nova é bem conhecida.

Para o pesquisador, “é uma honra participar do instituto de Areia, ao lado do Professor Daniel, grande estudioso da Caatinga, e que muito tem contribuído para o estudo deste bioma. Areia – a nossa Athenas – patrimônio cultural da humanidade, berço de artistas e poetas, já consagrada na história da Paraíba, ganha agora o seu instituto, que será o guardião de tantas memórias”.

De fato, o IHGA já nasce grande, não apenas pelos patronos que fazer a sua casa, mas pelo grandioso acervo pertencente ao Professor Tancredo Torres.

O Professor Daniel – também representante do Instituto Paraibano – segue a sua vitoriosa luta por criar institutos municipais, a quem devemos agradecer, pelos bons frutos que tem rendido.

Um toque

Tok, tok
É muito mais,
Do que um simples
Fogo!...
Muda

Um querer

Quero te matar
Sua pele tirar
Escalpelar...
Quero-te!

Hauane Maria